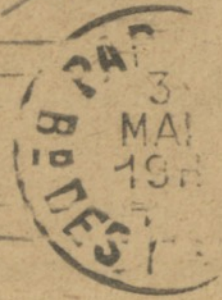


1154-108



Fernando Pessoa.

3/4/14

24, rua de Passos Manuel = Sander, esq.

511515

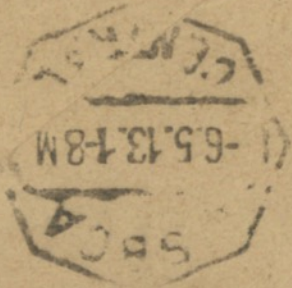
Lisbonne

(Portugal)



120485
idm

~~Q 7/5/13~~



Paris - Maio de 1913

Dia 3

Meu querido Fernando Pessoa,

Cá estou de novo a magalo. Mas você tem que ter pena de mim. Quero uma coisa, e logo tenho ansia de saber o que o meu querido amigo pensa dela. É um entusiasmo, uma ansiedade... Tenha paciência. Nós estamos no mundo para termos paciência e para nos aturarmos uns aos outros.

De resto o que aí ~~está~~ não tem importância. Eu pelo menos não sei se tem importância. Mas o curioso é como esses versos nasceram. Não nasceram de coisa alguma. Eu lhe conto:

Antes de ontem 5^a feira de arceção, dia de Santo cá na República, à tarde, quasi a dormir, num aborrecimento atroz, alheio, com a cabeça esvaída (dormira muito pouco na noite antecedente) eu estava sentado na terrace dum café no Boul. des

Italianos. Sem saber como havia de
passar o tempo pus-me a fazer poemas num
papel... e de subito comecei escrever versos,
mas como que automaticamente. Coisa
para rasgar, pensei logo. Se havia disponível
uma folha menor, era aquela em que eu estava.
A seguir compus, sem uma rima, mais
de metade das quadras que lhe envio - coisa
única em mim que, como sabe, não tenho
o trabalho rápido. Li o que escrevera por
desfartio e achei-me um valor especial,
monótono, quebrado (pela repetição da palavra
na rima) ~~boa~~ tradução do estado poético,
magnum, em que escrevera esses versos. E
então, em vista disso, juntei o resto das
quadras, mas num estado normal e reflectido
mente. Pelo isto interessante. E sobretudo, esses
versos, ^{agora} eu sinto que marcam bem
o ritmo amorfizado da minha alma, o
côco (não o cocho - o cõco) em que muitos
dias vivo. Pôco da alma, bem entendido. Mas q
venha tarde coincide com ponofício.. Franca-
mente, pudamente, diga-me você o que isso vale.

Afirmo-lhe que não o sei. Mas pergunto que é de
 uma coisa muito valiosa, ou uma série
 de banalidades. Espero ansiosamente a sua
 resposta. Pergo-lhe que período "o domingo
 de Paris". Não o conto, porque essas duas quadras
 pertencem ao n.º das que nasceram num estado
 sub-emergente, com as melhores, aliás. (Domingo,
 porq̃, sendo dia de santo, o aspecto da cidade,
 é o mesmo que o de domingo). Pergo-lhe também
 que atenda particularmente às quadras 3^a, 9^a,
 14^a, 15^a, 20^a e os dois versos isolados finais
 que julgo ser o melhor da poesia. A quadra 15^a
 não tem beleza, se lhe indico é porque acho muito
 singular o tê-la escrito. Que quer dizer isso? Parece
 uma profecia... Porque a escreveu? Como é que
 de repente me surgiu essa ideia do norte, duma
 cidade do norte que eu depois, procurando, vejo
 que não pode ser outra senão P. Petersburgo?...
 (Escuso de lhe dizer q̃ esta quadra pertence ao n.º das
 que escrevi primeiro, por isso mesmo é q̃ ela se
 torna interessante). Do final da poesia gosto
 muito, muitíssimo, por a terminar quebradinho,
 em ^{de orgulho} desalento: Deos que são mais que leões pois
 tem asas e as quais em tanto arrancaram

as jubeas, a rubresa mais aeta, toda a hebra das
grandes feras douradas. Estas quadras que
escrevi d'um facto raras emendas fiz: bludei
um - Tritora! - para ~~per~~ "seguinha", por ex.^o,
e tudo o mais, mto pouco, e essas substituições
de palavras. Em resumo, essa poesia pouco
mais tempo levou a compôr do que o tempo
material para a escrever. Como d'igo, isto em
si é extraordinário.

Repeto: Ignoro se isso é alguma coisa ou
não é nada. Você me dirá. A você, ao seu
alto espirito, á sua maravilhosa clarividência,
me confio, só elle refando que me responde
o mais breve possível e me perdoe estas
constantes maçadas.

E não se esqueça tambem de responder á
minha ultima carta, se é q' ainda o não fez.

Repetindo-lhe os meus agradecimentos e
enviando-lhe um grande abraço, sou
o seu mto amigo

P. Carneiro

P.S. = Depois de composta a poesia, vi que
ela era sincera, que encerra talvez um
canto do meu estado d'alma. Pelo menos, creio-o.

- Dispersão -

Perdi-me dentro de mim
 Porque eu era labirinto,
 E hoje, quando me sinto,
 E sou saudades de mim.

Passei pela minha vida
 Um outro dorido a sonhar.
 Na ansia de ultrapassar,
 Meu olhei pra minha vida...

Para mim é sempre ontem,
 Não tenho amanhã nem hoje:
 O tempo que aos outros foge,
 Cai sobre mim feito ontem.

(O Domingo de Paris
Lembra-me o desaparecido
Que sentia comovido
O Domingo de Paris.

Porque um Domingo é família,
É bem-estar, é singelera,
É o que obriga a helera
Não tem bem-estar nem família).

O pobre moço das ansias...
Tu, sim, tu eras alguém!
E foi por isso também
Que te abismaste nas ansias.

A grande ave lourada
Bateu asas para os céus,
Mas fechou-as paciada,
Ao ver que ganhava os céus.

Como se chora um amante,
Assim me choro a mim mesmo.
Eu fui amante inconstante
Que se traiu a si mesmo.

Não sinto o espaço que encerro
Nem as linhas que projecto:
Se me olho a um espelho, erro —
Não me acho no que projecto.

Carreio dentro de mim,
Mas nada me fala, nada!
Tenho a alma amortalhada,
Sequinha, dentro de mim.

Não perdi a minha alma,
Fiquei com ela, perdida.
Assim eu choro, da vida,
A morte da minha alma.

Saudosamente recordo
 Uma gentil Companhia
 Que na minha vida inteira
 Eu nunca vi... Mas recordo

A sua lóca doirada
 E o seu corpo esmaecido,
 Bem um bálito perdido
 Que vem na tarde doirada.

(As minhas grandes saudades
 São do que nunca elacei.
 Ai, Como eu tenho saudades
 Dos sonhos que não souhei!....)

Eu sinto que a minha morte
 — elinha dispensa total —
 Existe lá longe, ao norte,
 Num grande capital.

Vejo o meu ultimo dia
 Pintado em rolos de fumo,
 E todo azul-de-agonia
 Em sombra e alem me sumo.

Ternura feita saudade,
 Eu beijo as minhas mãos brancas...
 Sou amor e piedade
 Eu face dessas mãos brancas...

Tristes mãos longas e lindas
 Que eram feitas pra se dar...
 Ninguém mas quis apertar...
 Tristes mãos longas e lindas...

E tenho pena de mim,
 Polvo menino ideal...
 Que me faltou afinal? -
 Um clo? Um patro?... Ni de mim!...

Desceu-me n'alma o crepusculo;
Eu fui alguém que passou.
Perei, mas já não me sou;
Não vivo, durmo o crepusculo.

Alcool dum pôr do outonal
Me penetrou vagamente
A difundir-me dormente
Em uma bruma outonal.

Perdi a morte e a vida,
E, louco, não enlouqueço...
A hora foge vivida,
Eu sigo-a, mas permaneço!

Cartelos desmantelados,
Hóes alados sem julha...

- Bebedeira -

Guilhotinas, pelouros e castelos
 Presvalam longemente em porreição;
 Volteiam-me crepúsculos amarelos,
 Mordidos, doentios de roxidão.

Batem asas d'aureola aos meus ouvidos,
 Grifam-me rons de côr e de perfumes,
 Foram-me os olhos turbilhões de gumes,
 Desce-me a alma, pangram-me os sentidos.

Respiro-me no ar que ao longei vem,
 Da luz que m'illumina partícipo;
 Quero reunir-me, e todo me dissipo,
 Luto, esterluchos... Bem vão! Silvo p'ra além...

Corro em volta de mim deus me encontrar...
 Tudo oscila e se abate como espuma...
 Um disco d'ouro surge a voltear...
 Fecho os meus olhos com parvo da bruma...

+ Que droga foi a que m' inoculei? ^{um}
Ópio de inferno em vez de paraíso?...
Que portálegio a mim próprio lancei?
Como é que eu dôr genial ao m' eteriso?...

Nem ópio nem morfina... O que me ardeu,
Foi o cool mais raro e penetrante:
É só de mim que eu ando delirante —
Manhã tão loira que se anoiteceu...

Paris - 4 de maio de 1913.

Mário de Sá-Carvalho